



OIC 2023

Não foi fácil, este ano, cumprirmos essa importante tarefa de construção do Oficina in Concert, com a falta de espaços que abrigasse toda a estrutura que esse projeto necessita.

A lentidão para colocar a nossa grande casa pública, de cultura, que é o Castro Alves, em atividade, nos entristece, ao constatarmos como a cultura é de modo geral, tratada em nosso país.

Foram oito meses de buscas e preparações, e se hoje aqui estamos, é por crença absoluta, de que a educação tem que ultrapassar o convencional, e que a arte é uma ferramenta das mais prazerosas e eficientes, quebrando paradigmas, estimulando a autoexpressão, a criatividade, construindo inclusive um senso de identidade individual e coletivo.

Marta Medeiros diz que,

“A arte nos amadurece.

Ela confia que podemos ir além do pensamento médio.

A arte nos ajuda a vencer o medo das mudanças,

Tira a rodinha da nossa bicicleta”.

É com essa crença, que este ano, nossos meninos e meninas, emersos de um período sombrio da história recente da humanidade, ainda todos readaptando a essa realidade, mergulhamos, para avaliarmos a **comunicação, interligando mundos**, nosso tema do ano de 2023.

Já dizia “seu Chacrinha” “ quem não se comunica se trumbica”...numa época em que jornais, rádios e TVs faziam esse papel...

Prioritariamente, o objetivo da comunicação seria, aproximar pessoas. Os meios de comunicação são ferramentas que possibilitam essa interação entre os indivíduos, propiciando a difusão de informações e entretenimento.

Com o avanço da sociedade capitalista industrial, foi fundamental para a expansão de um mundo cada vez mais globalizado.

Mas esse mundo é constituído por pessoas, por homens e mulheres, por seres sensíveis, com todas as “dores e delícias de serem o que são”.

E é nesse contexto que nos interessa esse olhar sobre os diversos meios de comunicação e o que estamos construindo com eles. Se a máquina não tiver como finalidade a evolução da humanidade, há de se perguntar: Para que a máquina?

Queremos uma comunicação que perceba as pessoas do mundo, as diferenças e igualdades existentes. Que estabeleça diálogos, que nos inserindo nessa aldeia global para além de estarmos na vida, nos permita vivermos a vida, em toda sua plenitude.

Mas muitas vezes, quando a comunicação se instala, mundos diversos se aproximam, e a percepção das diferenças gera uma não aceitação perigosa, nos empobrecendo existencialmente e nos fechando em círculos perigosos, pondo em risco a maior beleza da existência, a aceitação do outro para que possamos também ser aceitos.





E após tantos séculos de convivência, tantas luzes nos apontando o perigo do hedonismo exacerbado dessa sociedade, há uma dificuldade em nossa atualidade de se conviver com aquilo que é diferente, o que resulta em situações de intolerância, exacerbando a crueldade de casos de xenofobia, intolerância religiosa, política, racismo, misoginia...

O avanço das tecnologias de comunicação ao mesmo tempo que nos conecta instantaneamente com tudo e com todos, tem muitas vezes, nos desconectado de nós mesmos.

E por mais paradoxal que possa parecer, estamos ficando cada vez mais enclausurados, presos em nossos aparelhos, fixados numa tela e ignorando o nosso entorno.

Nunca, tantas pessoas solitárias em meio à multidão.

Com os dedos numa tela, dizemos coisas que jamais faríamos no “tete a tete”;

deixamos de agregar amigos para enumerar seguidores;

trocamos a dialogicidade pela frieza da tecla muitas vezes ferina e perversa.

E o mais grave... temos em nossas mãos, tecnologias de informação nunca dantes imaginadas... e podemos tomar conhecimento de todo tipo de realidade, de convivência, de modos de existir, de diferenças e igualdades entre seres humanos, que deveriam estar irmanados numa sociedade mais justa, menos dolorida.

Na sua obra, *Sociedade de Risco*, o sociólogo polonês Ulrich Beck, falecido em 2015 aos 71 anos, já alertava para a grande dificuldade da comunicação: “não é gerir a semelhança, mas principalmente, a diferença”.

Ele fala de pessoas como cidadãos globais.” Deveríamos entender as pessoas como cidadãos globais, e não pertencente a uma única nação”.

Esse sentimento de pertencimento global, disseminado através das comunicações, deveria nos despertar para sentirmos que a dor do outro, é também a nossa dor... que a alegria do outro, também pode ser a nossa felicidade, o que diminuiria conflitos como a aversão ao outro, os nacionalismos exacerbados... os sentimentos de superioridades raciais, sociais, econômicas...

Recentemente o jornal *The Lancet*, um dos periódicos científicos mais respeitados do mundo, anunciou em julho a criação de um comitê para estudar a solidão e o isolamento social. Os responsáveis pela publicação destacaram como esse incômodo ganhou protagonismo nos últimos anos — e se mostra cada vez mais como um fator negativo para a saúde do corpo e da mente.

Atenção: é necessário diferenciar “estar só de sentir-se só”. E o mais grave,

Nossos jovens não estão blindados desse contexto.

Como já dizia Caetano: é preciso estar atento e forte... e com certeza, a afetividade nos salva.

"Há lugar para a esperança". Ao contrário de temermos a cultura da incerteza, é justamente dela que precisamos. E é por acreditar que outro mundo é possível, que estamos aqui.

Apostando que a chave de uma comunidade democrática é que assumimos a responsabilidade juntos.





Acho mesmo, que a palavra esperança há de nos guiar para aprendendo a repensar nosso comportamento, guiarmos essa nova geração em direção a uma sociedade mais solidária, ética, tolerante com o outro.

E que juntos, escola e família, possamos repetir os versos do poeta e dizer

“Não fechei os olhos

Não tapei os ouvidos

Usei todos os sentidos

Só não lavei as mãos

E é por isso que eu me sinto

Cada vez mais limpo”!

